

O presente remoto: etnografia de tela e outras metodologias de pesquisa e ensino do Núcleo de Antropologia Visual (NAVI/UFSC)

Carla Pires Vieira da Rocha
Caroline Soares de Almeida
Brenno Brandalise Demarchi
Cristhian Cajé Rodríguez
Damaris Rosabal
Natalia Perez Torres
Carmen Rial

Introdução

Quando a Organização Mundial de Saúde (OMS) decretou a situação de pandemia por covid-19, no dia 11 de março de 2020, e os primeiros colapsos nos sistemas de saúde da Itália e da Espanha foram acompanhados via noticiários no mundo inteiro, diversos países fecharam-se em quarentenas a fim de barrar o avanço da doença. As pessoas, encerradas, passaram a tornar as suas moradias espaços de trabalho, de lazer e de atividades cotidianas. A casa e a rua, enquanto dimensões sociais *damattianas*, tiveram as fronteiras borradas durante o período de isolamento. Os espaços antes privados, recônditos, em certa medida, tornaram-se públicos na interface de telas.

O mesmo aconteceu com as instituições de ensino no Brasil. No dia 15 de março de 2020, a Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC) decidiu suspender as aulas em todos os *campi* por tempo indeterminado. Conforme a pandemia foi avançando, sem dar sinais de que poderia cessar ou sem a

possibilidade de vacinas imediatas, a solução encontrada pela instituição foi dar continuidade às aulas, mas de forma não presencial. Assim, teve início uma corrida por medidas emergenciais viáveis que pudessem abranger o maior número de estudantes, já que a desigualdade social em avanço no Brasil, somada aos cortes de verbas na área da Educação, também teve reflexo nas universidades públicas. Os esforços incluíram o empréstimo de computadores, um auxílio financeiro no valor de R\$ 100,00 mensais para a aquisição de pacotes de internet, além da distribuição de cestas básicas a estudantes inscritos no cadastro socioeconômico. Além disso, a plataforma Moodle UFSC tornou-se a principal ferramenta de acesso às aulas. É importante salientar que grande parte dos cursos de pós-graduação não sofreu atrasos substanciais; em contrapartida, a graduação apenas retornou as atividades de ensino em agosto de 2021.

Para além das medidas instituídas, docentes e discentes também tiveram de adaptar-se ao que exaustivamente ficou conhecido por “novo normal”: rotinas remotas durante o isolamento social exigido em razão da pandemia. Este capítulo aborda métodos utilizados como estratégia para as aulas em meio virtual e, neste caso, em disciplinas na área da Antropologia, que impulsionaram o uso de aplicativos, por exemplo, o Moodle. Considerando que o trabalho de campo também foi afetado, foram realizadas entrevistas por áudios de WhatsApp, encontros via Zoom, e a observação participante por acompanhamento de lives no YouTube, Facebook ou Instagram, além do acompanhamento de eventos on-line. A pesquisa e a didática viram-se impactadas frontalmente, mas os obstáculos foram contornados. Nossas etnografias e nossas aulas passaram a depender bem mais das telas do que antes. Na pesquisa, a metodologia que chamamos de *etnografia de tela* ganhou uma centralidade. O capítulo trata da experiência didática e especialmente da realização de vídeo-entrevistas e *podcasts*, assim como dos procedimentos envolvidos em uma *etnografia de tela*.

Relatos da experiência etnográfica em sala de aula

As experiências aqui descritas aconteceram entre os anos de 2020 e 2021, período em que as aulas na Universidade Federal de Santa Catarina (SC, Brasil) permaneceram em modo remoto. Neste texto, tomaremos como referência a disciplina ANT 7205 - Métodos II (2021/1).

Uma vez definidos o formato e a plataforma Moodle para o desenvolvimento das aulas no semestre, o principal desafio foi lidar com a própria situação pandêmica. Todos nós, em alguma medida, fomos afetados e tivemos de lidar com o luto, porém, desta vez, sendo negado o ritual do velório (RIAL, 2022).

Em sala de aula, o protagonismo da tela do computador também ganhou evidência e a experiência do presente passou a ser condicionada pelo remoto. Mas, antes mesmo da pandemia, vínhamos convivendo com as mídias tecnológicas de modos diversos. Pedidos de comida por aplicativo, comunicação via redes sociais (WhatsApp, Instagram, Facebook, Twitter etc.), visitas a museus virtuais, entre outras possibilidades, já integravam parte de nosso cotidiano. Nas universidades, cursos de Ensino a Distância (EAD), conferências on-line, acesso a bibliotecas em modalidade virtual, também já não eram novidade.

Em tempos em que a Inteligência Artificial vem ganhando contornos de uma realidade cada vez mais presente, será que a pandemia teria provocado somente a aceleração de um processo inexorável de intensificação do uso das tecnologias da comunicação na atividade docente ou mesmo da “virtualização” da universidade?

O fato de que a utilização dos meios digitais para o ensino remoto já vinha ocorrendo antes mesmo da pandemia, certamente facilitou a ambientação ao uso de recursos didáticos como Moodle, Zoom, *podcasts*, entre outros. Mas esta ambientação não significa a ausência de desafios.

A atividade docente envolve comunicação, atenção, dedicação, criatividade, troca de conhecimentos, entre muitos outros atributos. Preparar uma aula, apresentar o conteúdo, estimular o debate são atividades que se

perpetuam também no ambiente virtual. Mas o ensino remoto envolve lidar com outra modalidade de espaço compartilhado, em que emerge uma série de elementos específicos do meio e que estabelecem alguns deslocamentos a se lidar: a troca de mensagens por meio de *chat*, a necessidade/possibilidade de se compartilhar a tela do computador, aceitar a solicitação de entrada na sala virtual, gerir o compartilhamento de imagens, atentar ao ícone/animação de levantar a mão (utilizado quando alguém quer fazer uso da palavra) e sujeitando-nos à possibilidade da conexão de internet subitamente “cair”.

A imprevisibilidade também rege as imagens e os sons: câmeras e microfones alteram o *on* e o *off*, determinando presenças/ausências, cenários que se modificam. Em alguns momentos, transformamo-nos em um avatar; em outros, aparecemos na tela, tornamo-nos um espelho de nós mesmos integrados em um quadro virtualizado, dimensionado e configurado no universo digital previsto por uma programação de computador.

Em um primeiro momento, o ensino remoto durante a pandemia consistiu na alternativa possível para dar continuidade ao cronograma acadêmico, mas logo nos possibilitou entender mais intensamente o que já vinha sendo defendido como a emergência de um novo paradigma – o informacional –, em que, sobretudo, as nossas experiências de espaço e de tempo ganham outros contornos, estendendo-se à universidade: estudantes em diferentes regiões do Brasil, ou mesmo que estavam fora do país, simultaneamente, compartilhavam a mesma sala de aula, as atividades propostas e ideias diversas.

À medida que a pandemia vai esvanecendo e que retomamos nossas atividades de modo presencial, as marcas desse período permanecem. Incorporamos a modalidade do “híbrido” para eventos diversos, dentre as soluções já não mais provisórias para a retomada de um mundo que mudou. Talvez o futuro se tenha adiantado, mas importa também ressaltar que o ensino remoto durante a pandemia não significou apenas uma adaptação ao contexto pandêmico, mas especialmente um sinônimo de resistência

das universidades frente a demais adversidades enfrentadas por essas instituições nos últimos anos.

Podcasts como ferramenta de ensino

Conforme mencionado anteriormente, a Pandemia de covid-19 trouxe diversos desafios em várias dimensões das nossas dinâmicas sociais, econômicas, individuais, entre outras. A experiência que aqui partilhamos se deu no contexto de confinamento, onde procuramos encontrar soluções criativas, dinâmicas e de partilha que permitissem recriar o espaço didático da sala de aula, outrora localizado no espaço público, e fazer a transição para o espaço privado.

Durante o período da pandemia, outra das ferramentas utilizadas no âmbito da disciplina de Métodos de Pesquisa II do curso de Antropologia e Métodos e Técnicas de Pesquisa II em Ciências Sociais da UFSC foi a vídeo-entrevista. Damaris Rosabal (NAVI/PPGICH/UFSC) e Brenno Brandalise Demarchi (PPGAS/UFSC), respectivamente, gravaram e editaram 13 vídeo-entrevistas com recurso da plataforma Zoom. Num primeiro momento, não foi acrescentada nenhuma música nem informações adicionais. Em trabalho posterior, as aulas virtuais foram transformadas em *podcasts*.

O processo de criação das vídeo-entrevistas como ferramentas de ensino

O que pretendemos explorar, neste ponto, são os momentos principais da criação de vídeo-entrevistas e *podcasts* como ferramentas de Ensino. Como surgiu a ideia de vídeo-entrevistas como ferramentas de ensino? Como muitas vezes ocorre na Antropologia, o acaso teve participação decisiva.

Damaris, aluna de doutorado do Programa de Pós-Graduação Interdisciplinar e Ciências Humanas da Universidade Federal de Santa Catarina (PPGICH) e orientanda da professora Carmen Rial, tinha que cumprir com um dos requisitos necessários para a apresentação da tese de

doutorado que é a realização de um estágio docência em uma das disciplinas de algum programa de graduação da UFSC. As aulas da disciplina de Métodos e Técnicas de Pesquisa II em Ciências Sociais (dirigidas por Carmen Rial) seriam remotas, como todas as daquele ano, o que lhe propiciaria participar mesmo estando em trabalho de campo, em Cabo Verde. Essas aulas a distância possibilitaram também a participação de outros integrantes do NAVI: Caroline Soares de Almeida (UFPE) de Recife e Cristhian Cajé Rodriguez (VU/Amsterdam) que estava na Holanda.

No processo de preparação e discussão do plano de ensino e, cumprindo com as indicações da UFSC de que deveriam ser duas aulas por semana – uma síncrona (on-line, contato direto com os alunos) e outra assíncrona (atividades sem a necessidade de interação) –, surgiu a ideia de realizar vídeo-entrevistas com investigadores(as) de diferentes universidades com o objetivo de partilharem as suas experiências no campo da investigação, com base nos métodos de pesquisa por eles(as) utilizados.

A ideia original provinha de uma pequena experiência que Damaris havia tido como professora na Universidade de Cabo Verde (UNICV), no Programa de Pós-Graduação em Descentralização. A necessidade de haver aulas remotas, neste caso, se dava pelo fato dos estudantes se encontrarem em diferentes regiões do país e a impossibilidade de estarem em sala de aula presencialmente. Houve, portanto, a necessidade de adaptar as aulas para a inclusão de salas virtuais. No caso desta disciplina em Cabo Verde, as aulas envolveram professores convidados que traziam experiências diversas de processos de descentralização em variados países e regiões.

Com base nessa experiência, foi discutida e aprofundada, pelo grupo de trabalho, a utilização das vídeo-entrevistas como ferramentas de ensino na disciplina da UFSC, de forma a que estas pudessem ser o conteúdo principal das aulas assíncronas em cada semana. Os estudantes deveriam assisti-las a cada sexta-feira e expor sua análise na aula síncrona que ocorria a cada terça-feira da semana, juntamente com os demais conteúdos.

Essa forma de ensino era especialmente interessante por propiciar a participação de acadêmicos localizados em localidades e continentes

diversos, permitindo sair do espaço acadêmico mais restrito da UFSC e explorar outros campos. Assim, na África, realizamos uma vídeo-entrevista com a professora Clementina Furtado da Universidade de Cabo Verde (UNICV); na Europa, com a professora Elena Boschiero da Universidade Autônoma de Madrid (UAM- DEMOSPAZ); na América do Sul, com o professor Alex Vailati da Universidade Federal de Pernambuco (UFPE); com a professora Luceni Hellebrandt da Universidade Federal de Pelotas (UFPEL), e com os já mencionados Caroline e Cristian.

Desse modo, apesar dos enormes desafios que a covid-19 provocava no âmbito acadêmico, ela acelerou a inserção do remoto no ensino, e no âmbito das Universidades (mais do que no ensino fundamental ou secundário) apresentou facetas positivas, trazendo a possibilidade de interação com vários lugares e mundos, conectando diferentes pessoas, línguas e linguagens, e toda a riqueza que a diversidade traz para o espaço de sala de aula virtual. Criava-se ali um espaço de transmissão de conhecimento, propiciado pelas tecnologias de informação e comunicação, permitindo uma maior conexão, partilha e disseminação de informações, e induzindo a sala de aula a sair de um espaço restrito e colocar-se numa triangulação de partilha acadêmica entre a África, a Europa e a América do Sul.

Devido ao consenso do grupo e à aprovação da professora, de que as vídeo-entrevistas poderiam ser efetivamente uma ferramenta de ensino, iniciamos o seu processo de preparação. Foram sugeridos, por todos, os nomes de acadêmicos que poderiam ou teriam disponibilidade para participar do processo, com uma lista inicial de 30 pessoas. Posteriormente, foram elaborados três documentos: (i) A lista de convidados com os respectivos contatos (ii), o modelo de *e-mail* para o convite (contendo essencialmente a lista de questões orientadoras da entrevista) e as (iii) orientações para a realização das vídeo-entrevistas. Esta última continha essencialmente a lista de questões orientadoras da entrevista. Esse processo teve como resultado a participação de 13 acadêmicos, o que resultou em 13 vídeo-entrevistas.

Depois de feito esse processo inicial, juntou-se, ao grupo de trabalho, Brenno Brandalise Demarchi (PPGAS/UFSC), que seria a pessoa

responsável pela edição de vídeo e áudio das entrevistas, já que estas tinham um tempo limitado de 30 minutos. A estratégia de trabalho era a seguinte: eram enviados os e-mails para convite e, depois da aceitação e marcação da data, procedia-se às entrevistas, cujo material era posteriormente editado. Depois da edição, era feito o *upload* das vídeo-entrevistas a cada quinta-feira, antes das aulas assíncronas, que ocorriam na sexta-feira de cada semana, a qual os estudantes tinham acesso direto pela plataforma Moodle disponibilizada pela UFSC. Esse processo começou pouco antes do início das aulas síncronas e continuou durante o decorrer delas.

As vídeo-entrevistas

Conforme dito anteriormente, partíamos de algumas perguntas orientadoras para as entrevistas. Não eram entrevistas fechadas, e sim semiestruturadas, isto é, os participantes falavam essencialmente quais eram seus principais temas de pesquisa, como tinha surgido a ideia de fazer aquela pesquisa, quais eram as principais questões de pesquisa e os principais métodos utilizados. Essas perguntas estavam muito relacionadas com o conteúdo das aulas síncronas, a escolha de quem seria entrevistado dependia do conteúdo que se queria aprofundar nas aulas síncronas. , a escolha de quem seria entrevistado dependendo do conteúdo que se queria aprofundar nas aulas síncronas. Esse espaço de diálogo também permitiu explorar questões de fundo, como as principais mudanças que aconteciam durante as pesquisas e o processo de análise das informações como resultado de um processo dinâmico, com várias dimensões e muitas imprevisibilidades, como é o caso da pandemia de covid-19.

O processo envolvido na realização das vídeo-entrevistas foi especialmente interessante porque propiciou repensar posições no trabalho de pesquisa dos estagiários docentes e docentes, e os imprevistos que acontecem durante o processo. Em agosto de 2020, quando ocorreram as primeiras entrevistas, Damaris estava se preparando para regressar ao campo – para um espaço de trabalho onde quase tudo havia mudado. Estava

previsto que retomasse a pesquisa etnográfica, no Cais de pesca da Praia, em outubro de 2020, num contexto de medidas de proteção para a covid-19. O processo de entrevistas não apenas a fizeram repensar procedimentos de pesquisa como também a permitiram questionar as principais mudanças que ocorreram no período e como estas iriam impactar em seu trabalho e na sua tese em andamento.

Além disso, durante as entrevistas, surgiam questões de fundo da aplicação dos métodos de pesquisa e das mudanças que aconteciam no decorrer destas, as quais não necessariamente tinham relação com a covid-19. Esse processo descrito e a conjugação entre os conteúdos das aulas síncronas e o contato direto com acadêmicos de diversos contextos, propiciaram repensar, questionar e mudar algumas dinâmicas na sua pesquisa, que enriqueceram o processo criativo e de produção de conhecimento.

Dito de outro modo, a criação, realização, participação e disponibilização das vídeo-entrevistas como ferramenta de ensino permitiu que o conjunto das pessoas que participaram dessa proposta criasse um fluxo de partilha de conhecimentos, ideias – discussão que ultrapassou as barreiras físicas de sala de aula, país, estado, continente. Esse fluxo situa-se na nuvem virtual que permite essas conexões “sem fronteiras”, sempre considerando que existem outros espaços limitadores como o acesso diferenciado e desigual à internet, por exemplo. Além disso, a participação nessas atividades trouxe uma riqueza importante para o processo das pesquisas em curso, que nasceu do contato e dos questionamentos resultantes do diálogo registrado nas entrevistas.

A edição e pós-edição

Logo após a entrevista ter sido gravada, Damaris Rosabal compartilhava com Breno os arquivos de vídeo e áudio, que eram capturados e salvos em arquivos diferentes, a partir das opções disponibilizadas pela plataforma Zoom. Essa configuração facilitava o processo de edição e exportação do

arquivo final, porque permitia gerar uma faixa de áudio para cada pessoa que tivesse participado da entrevista.

Em seguida, Breno fazia o *download* dos arquivos, criava uma versão de *backup* (uma cópia que não iria sofrer alterações) e assistia a toda a entrevista no software de edição de vídeo (para esse projeto, optou por utilizar o software Adobe Premiere Pro); afinal, conforme o caso, já aproveitava para realizar pequenos cortes e/ou inserir marcações que continham comentários do que precisaria ser feito naquele trecho na pós-edição.

Para Breno, assistir às entrevistas, além de ser crucial para que pudesse se inteirar do material a ser trabalhado, foi fundamental para o seu processo formativo durante o Mestrado em Antropologia Social, no Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social da UFSC, sobretudo pelo fato de que ele pôde conhecer conceitos e práticas antropológicas contemporâneas que o inspiraram a refletir sobre a infinidade de possibilidades de se fazer pesquisa de campo nessa área.

Depois de assistir à entrevista e realizar os cortes e as marcações necessárias, era preciso fazer os ajustes finos em todo o vídeo, retomando os comentários feitos anteriormente. Naquele momento, Breno aplicava os efeitos que fossem necessários para aperfeiçoar a qualidade do áudio e do vídeo.

Para a pós-edição de vídeo, geralmente aplicava os efeitos de “curvas” (*curves*), “exposição e contraste” (*brightness and contrast*), “saturação” (*color saturation*) e, às vezes, um pouco de “nitidez” (*sharpen*). Esses efeitos eram regulados e aplicados a partir de uma percepção visual mais intuitiva e não tanto técnica, no sentido de observar os gráficos de cor (*color grading*).

Com relação à pós-edição de áudio, a opção foi extrair as faixas de áudio do Adobe Premiere Pro e passar para o *Cockos Reaper* – uma *Digital Audio Workstation (DAW)*, que disponibiliza recursos mais avançados para a edição de áudio. Naquele momento, buscava-se reduzir a quantidade de ruídos e interferências, equilibrar os volumes de áudio e definir um volume máximo para não estourar o áudio.

Em termos técnicos, esses efeitos são aplicados através de interfaces conhecidas como *Virtual Studio Technology* (VST), que integram sintetizadores e efeitos de áudio com editores e demais dispositivos de gravação de áudio digital. Geralmente, toda DAW já oferece um pacote de VSTs que podem ser utilizados tanto para a composição musical (que são os sintetizadores) quanto para a edição e a transmissão desse áudio.

Após ter aplicado e regulado os efeitos, Brenno exportava cada um dos áudios e importava-os novamente para as suas respectivas trilhas no *Adobe Premiere Pro*. Em seguida, checava se estava tudo certo e iniciava a exportação e renderização, que é o processo de criação de novos arquivos com os efeitos de vídeo e áudio aplicados.

Tendo em vista que tínhamos como horizonte publicar essas entrevistas em formato de *podcast*, era gerado um arquivo de áudio (.mp3) e outro de vídeo com o áudio (.mp4 com o codec de compressão H.264). Após a renderização ser concluída, os vídeos eram enviados novamente para a Damaris e ela, por sua vez, compartilhava o link no *Moodle* para que as pessoas que estavam cursando a disciplina pudessem acessá-los.

Etnografia de tela

Se a pandemia afetou diretamente o ensino, impulsionando a busca de novas estratégias didáticas, também impactou a pesquisa na Antropologia, levando-a a buscar outras metodologias que não a do trabalho de campo presencial. Pesquisas realizadas remotamente por meio de aplicativos, como WhatsApp e Instagram, e de plataformas, como Facebook, Youtube e Twitter, tornaram-se algo corrente, colocando metodologia da etnografia de tela como uma opção viável quando (mas não somente quando) a relação direta entre pesquisador e interlocutores torna-se impraticável.

Antes mesmo da pandemia, já existia o interesse por pesquisas que se afastavam das *démarches* clássicas da etnografia cujo diálogo face a face entre pesquisador e pesquisados era canônico. No Brasil, no início dos anos 1990, Aglair Bernardo (1994) fez o que provavelmente foi a primeira tese em

Antropologia a distância, sem ter incluído encontros presenciais face a face com os seus interlocutores. A pesquisa foi feita com conversas pelo telefone. Ela estudou um serviço de encontros amorosos, o Disque Amizade, que funcionava em Santa Catarina, e conversou com vários usuários, entrevistando-os, observando-os e ela mesma fazendo o que nós chamamos de observação participante – colocando-se como um usuário desse serviço, para chamar atenção sobre um novo tipo de sociabilidade na cidade. Assim, antes da internet ser implantada no país, antes dos Tinders, dos Matches, e de outros sites de encontro tão populares hoje, existiu um serviço que colocava em contato anonimamente, por telefone, desconhecidos interessados em conversar através do telefone – telefone de linha, fixo, pois o telefone celular também não existia, é bom lembrar. Ou seja, mesmo antes da pandemia, a etnografia de tela já era usada nas pesquisas no campo midiático, onde o aporte da tradição antropológica e suas técnicas de observação e diálogo engrandeceram as possibilidades de técnicas anteriores. Não que fosse hegemônica. Nos estudos textuais ou midiáticos, a análise de conteúdo era – e é – uma das metodologias mais comumente utilizadas. Essa abordagem concentra-se nas mensagens e tem como objetivo criar uma explicação clara, quantificável e comprovável do significado explícito dessas mensagens. A análise de conteúdo baseia-se na identificação e contagem de unidades escolhidas pelo pesquisador. A escolha dessas unidades é de grande importância, pois sua identificação deve ser fácil e ocorrer com frequência suficiente para que procedimentos estatísticos possam validá-las.

Uma forma comum de realizar a análise de conteúdo é contar o número de vezes que certas palavras são usadas. Embora esse método confira uma aparência de cientificidade e permita chegar a conclusões que um pesquisador mais sensível poderia alcançar por meio de uma etnografia textual, ele desconsidera elementos importantes, como o tom de voz, a postura corporal, a ambiência e as vestimentas, que fornecem contexto à fala, conforme apontado por Bourdieu (2001), o que outros estudiosos reconheceram como determinantes do que é dito. Um simples “obrigado” dito por um repórter para legitimar o que foi dito pelo entrevistado é muito diferente de

um “obrigado” usado para interromper o entrevistado; no entanto, ambos seriam tabulados da mesma maneira. Por outro lado, a análise de conteúdo, assim como outros métodos quantitativos que empregam estatísticas, pode ser útil para evitar conclusões que carecem de bases empíricas suficientes.

De outro modo, na etnografia de tela, os conteúdos das mensagens não são correspondidos ou comparados em termos de frequência. Uma única notícia pode ter um significado profundo, mesmo que não seja seguida por reportagens subsequentes na televisão ou na imprensa escrita. A etnografia de tela requer atenção aos detalhes, como o tom de voz, os gestos e a vestimenta – o que Geertz (1978) chamou de “piscadela” – e análise do contexto para chegar ao seu significado.

Inspirada livremente na técnica de atenção flutuante de Freud (1912/1980), a etnografia de tela utiliza uma abordagem de atenção flutuante, na qual o pesquisador faz uso de tudo o que é dito ou apresentado. Isso se assemelha àquilo que Theodor Reik (1948) descreveu figurativamente como “ouvir com o terceiro ouvido”. Mais do que uma recomendação para evitar ideias preconcebidas e preconceitos, a abordagem de atenção uniformemente flutuante (como também é conhecida) reconhece que a atenção do analista (ou pesquisador) é influenciada por seleções conscientes e inconscientes.

Diferentemente dos estudos da cibercultura, a etnografia não distingue o virtual como uma realidade distinta, um espaço especial, um *locus*, um contexto para eventos e interações, o ciberespaço. O foco nestes estudos está no impacto da tecnologia em nossas vidas e nas atitudes em relação à tecnologia – nas concepções sobre o que a tecnologia pode ou não pode fazer, nas expectativas e suposições sobre as possibilidades de mudanças tecnológicas e as diversas maneiras pelas quais a tecnologia é representada, tanto na mídia quanto nas organizações.

Outros estudos que não usam a ideia de ciberespaço dedicaram-se a abordar os modos como se desenvolve o uso da tecnologia no cotidiano. Fazem uma etnografia da internet e de alguns dos seus recursos (redes sociais, especialmente). O objetivo é estudar como o status da internet é

negociado no contexto local de seu uso. Nestes estudos, destacam-se os de Daniel Miller e seu grupo de pesquisa, realizados em diversos continentes (MILLER; SLATER, 2000).

Assim, a etnografia de tela é uma metodologia que incorpora procedimentos típicos da pesquisa antropológica no estudo do texto midiático. Isso inclui a imersão prolongada do pesquisador no campo, a observação sistemática e o registro em cadernos de campo. Como qualquer etnografia, a etnografia de tela envolve um pesquisador que, por um longo período, se envolve em um cenário de campo, observando os vínculos, as ações e as interpretações dos indivíduos nesse contexto. O propósito é tornar evidentes os padrões habitualmente considerados normais e frequentemente implícitos – e, por isso mesmo, muitas vezes invisíveis – pelos quais as pessoas atribuem significado às suas experiências.

Além disso, a etnografia de tela também emprega procedimentos da análise cinematográfica, como a análise de planos, movimentos de câmera e opções de montagem, dos estudos de fotografia e outras teorias acionadas na antropologia audiovisual. Exemplos de etnografias de tela que temos realizado no NAVI são os estudos de publicidade¹, da mídia impressa²

1 Consultar o artigo *O jogo sutil da publicidade ou como transformar um símbolo nacional em valor-signo da Coca-Cola* (RIAL, 1988) e a dissertação *O Paradoxo Benetton: um estudo antropológico da publicidade* (FINCO, 1996).

2 Conferir a dissertação *A construção midiática de um “evento crítico”: Os imaginários de gênero em torno do “estuprador serial de Córdoba”* (Argentina) (AYRES, 2010), e os seguintes artigos: *“I can’t return to the village without my baby”, ‘evil deaths’ and the difficulty of mourning in Brazil in the time of Covid-19* (RIAL, 2022); *Os estupradores que viraram heróis* (GROSSI; RIAL, 1987).

e televisiva³, de filmes⁴, de histórias em quadrinhos⁵, revistas⁶, graffiti⁷, da Internet⁸ e rádio⁹. São pesquisas cujas teorias desenvolvidas no âmbito da antropologia audiovisual são acionadas para buscar revelar os espaços sociais presentes nas mensagens veiculadas em diversos suportes.

Assim, a etnografia de tela, como em outras etnografias, é uma prática de trabalho de campo que permite ao pesquisador obter um alto grau

-
- 3 Consultar as teses: *Efeito Tamburello: um estudo antropológico sobre as imagens de/ em Ayrton Senna* (BERNARDO, 1998); *O Biopoder no discurso da mídia e no cotidiano do público* (BERTOLINI, 2018); *Telenovela e deficiência física: uma análise sobre a construção de significado da paraplegia a partir da telenovela Viver a vida* (AYRES, 2015); e os artigos: *Ainda um “Ponga un exótico” ou uma mudança efetiva? A participação das mulheres na mídia Brasileira na Copa* (RIAL, 2014); *Guerra de imagens, imagens da guerra* (RIAL, 2016); *Le Football et la rhétorique des médias sportif télévisuels* (RIAL, 2010); *Matrix X Dogma 95: dois cenários para a imagem contemporânea na mídia* (RIAL, 2008); *Futebol e mídia: a retórica televisiva e suas implicações na identidade nacional, de gênero e religiosa* (RIAL, 2003); *Televisão, Futebol e novos ícones planetários: aliança consagrada nas Copas do Mundo* (RIAL, 2002); *A globalização publicitária: o exemplo dos fast-foods* (RIAL, 1993).
 - 4 Consultar as seguintes teses: *F(r)icções do nome de África nas narrativas de Tarzan: análise intertextual de uma figuração imaginária de contato* (RIBEIRO, 2008); *Representatividade e Estereótipos: Filmes de Animação como Tecnologia de Gênero* (TAKAZAKI, 2021).
 - 5 Consultar as seguintes teses: *Batman e a cidade: uma etnografia das imagens de histórias em quadrinhos do Homem Morcego* (BERNARDO, 2007); *Super heroínas em imagem e ação: gênero, animação e imaginação infantil no cenário da globalização das culturas* (ODININO, 2009).
 - 6 Consulte as teses: *Design, Sociedade e Cultura: significados dos arranjos espaciais e dos objetos em interiores domésticos* (GUIMARÃES, 2007); *O Brasil colorido nos anos de chumbo: os aspectos simbólicos do design por brasileiros no contexto da ditadura militar* (SANTOS, 2010); *A revista Capricho como um “lugar de memória”: narrativas e memórias de ex-leitoras (décadas 1950-1960)*. (BARROS, 2009).
 - 7 Ver a tese: *Olhando o conflito na Colômbia: graffiti, imagem e cidade na construção da “paz possível*. (TORRES, 2022).
 - 8 Consultar as seguintes teses: *“Você só precisa clicar”: sexo virtual e masculinidades refletidas pelas webcams* (SALDANHA, 2017); *Jorge: empresário de fora, casado e versátil: homoerotismo no anonimato das viagens* (SILVA, 2013).
 - 9 Conferir o artigo: *Tribunal do Povo: áudio-leitura de um programa de rádio em SC* (RIAL; GROSSI, 1989).

de compreensão do objeto, mantendo a reflexividade em sua abordagem. E isso mesmo em tempos de pandemia.

Considerações finais

A propósito da declaração da OMS sobre o fim da emergência sanitária ocasionada pela pandemia de covid-19, é interessante recuperar e refletir, do ponto de vista das práticas pedagógicas e de sua relação com a disciplina antropológica, sobre alguns dos recursos, procedimentos e insumos que surgiram nas instituições de ensino superior no Brasil – fortemente prejudicadas pela falta de diretrizes políticas, assistenciais e de saúde que evitassem a propagação do vírus e permitissem reduzir seus impactos – para contornar a situação pandêmica, uma “nova” normalidade que também modificou os alicerces da experiência ensino-aprendizagem.

Nesse sentido, entende-se que a própria experiência da pandemia emergiu como um importante cenário de possibilidades para a criação de estratégias de ensino e pesquisa, as quais, concentradas aqui no conceito de “etnografia de tela”, permitiram ressignificar alguns dos pressupostos mais próximos ao fazer antropológico, isto é, o trabalho de campo (e suas ferramentas privilegiadas, a observação participante, os diários de campo e as entrevistas), mas também alterou mecanismos da didática específica da disciplina. Para além do aperfeiçoamento individual no uso de plataformas, *apps* e outras ferramentas tecnológicas por parte de discentes e docentes, e da incorporação, cada vez mais evidente, desses recursos nas dinâmicas de aula pós-confinamento, a possibilidade de contar com a presença “em tempo real” de pessoas geograficamente muito distantes que contribuíssem com sua própria experiência antropológica e pandêmica na construção de novos olhares sobre as práticas sociais que são objeto de estudo, por exemplo, significou a abertura para outras formas de lidar com o conhecimento, consolidando novos níveis de contato entre acadêmicos e escolas ao redor do mundo.

A experiência das vídeo-entrevistas transformadas, *a posteriori*, em podcast, assim, revela o alcance dessas novas configurações no ensino e na experiência pedagógica propiciadas pelas condições de afastamento que foram impostas pelas autoridades ou assumidas individualmente. Desse modo, as possibilidades que a pandemia ofereceu para combinar modos de socialização, nos quais as telas ganharam protagonismo, permitiram, quiçá, a reinvenção do trabalho de campo e a especialização da etnografia como modo de compreensão e conhecimento social.

Cabe, ainda, questionar se o “novo normal” do ensino, entendido como a presença definitiva, porém híbrida, de ferramentas tecnológicas em sala de aula, permitirá o avanço para modos de aprendizagem e de experiência em campo cada vez mais alinhados com a imagem ou se, assim que for superada a aparente novidade das telas como artefato universal, testemunharemos um retorno para as formas mais clássicas de construção de saber.

Referências

AYRES, Melina. *Telenovela e deficiência física: uma análise sobre a construção de significado da paraplegia a partir da telenovela Viver a vida*. 2015. Tese (Doutorado Interdisciplinar em Ciências Humanas) – Programa de Pós-Graduação em Ciências Humanas, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis: 2015.

BARROS, Raquel Miguel. *A revista Capricho como um “lugar de memória”*: narrativas e memórias de ex-leitoras (décadas 1950–1960). 2009. Tese (Doutorado em Antropologia Social) – Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis: 2009.

BERNARDO, Adiléia Aparecida Bernardo. *Efeito Tamburello: um estudo antropológico sobre as imagens de/em Ayrton Senna*. 1998. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social) – Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 1998.

BERNARDO, Adiléia Aparecida. *Batman e a cidade: uma etnografia das imagens de histórias em quadrinhos do Homem Morcego*. 2007. Tese (Doutorado em Antropologia Social) – Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis: 2007.

BERNARDO, Aglair Maria. *Um novo “impulso” na cidade: um estudo do serviço telefônico Disque amizade de Florianópolis*. 1994. 172 f. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social) – Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis: 1994.

BERTOLLINI, Jerson. *O Biopoder no discurso da mídia e no cotidiano do público*. 2018. Tese (Doutorado Interdisciplinar em Ciências Humanas) – Programa de Pós-Graduação Interdisciplinar em Ciências Humanas), Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis: 2018.

BOURDIEU, Pierre. *O Poder Simbólico*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2001.

FINCO, Henrique. *O Paradoxo Benetton: um estudo antropológico da publicidade*. 1996. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social) – Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis: 1996.

FREUD, Sigmund. *Recomendações aos médicos que exercem a psicanálise. Obras completas, ESB, v. XII*. Rio de Janeiro: Imago, 1912/1980.

GEERTZ, Clifford. *A interpretação das culturas*. Rio de Janeiro: Zahar, 1978.

GUIMARÃES, Ana Lúcia Santos Verdasca. *Design, Sociedade e Cultura: significados dos arranjos espaciais e dos objetos em interiores domésticos*. 2007. Tese (Doutorado Interdisciplinar em Ciências Humanas) – Programa de Pós-Graduação Interdisciplinar em Ciências Humanas, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis: 2007.

GROSSI, Miriam; RIAL, Carmen. *Os Estupradores Que Viraram Heróis. Mulherio, v. 32*, São Paulo: FCC. p. 3-4, 1987.

MASSA, Jimena Maria. *A construção midiática de um “evento crítico”: Os imaginários de gênero em torno do “estuprador serial de Córdoba” (Argentina)*. 2010. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social) – Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis: 2010.

MILLER, Daniel; SLATER, Don. *The internet: an ethnographic approach*. Amsterdam: Berg, 2000.

ODININO, Juliane Di Paula Queiroz. *Super heroínas em imagem e ação: gênero, animação e imaginação infantil no cenário da globalização das culturas*. 2009. Tese (Doutorado Interdisciplinar de Ciências Humanas) – Programa de Pós-Graduação Interdisciplinar em Ciências Humanas, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2009.

REIK, Theodor. *Listening with the third ear: the inner experience of a psychoanalyst*. New York: Farrar; Straus & Giroux, 1948.

RIAL, Carmen. O jogo sutil da publicidade ou como transformar um símbolo nacional em valor-signo da Coca-Cola. *Revista de Comunicação e Artes*, São Paulo: v. 18, p. 40-43, 1988.

RIAL, Carmen. A globalização publicitária: o exemplo dos fast-foods. *INTERCOM – Revista Brasileira de Comunicação*, São Paulo: v. XVI, n. 2, p. 134-143, 1993.

RIAL, Carmen. Televisão, Futebol e novos ícones planetários: aliança consagrada nas Copas do Mundo. *Motrivivência*, Florianópolis: v. 13, n. 18, p. 15-31, 2002.

RIAL, Carmen. Futebol e mídia: a retórica televisiva e suas implicações na identidade nacional, de gênero e religiosa. *Antropolítica*, Niterói: v. 14, n. 2, p. 61-80, 2003.

RIAL, Carmen. Matrix X Dogma 95: dois cenários para a imagem contemporânea na mídia. *RUA – Revista Universitária do Audiovisual*, Florianópolis: [s. p.], 15 dez. 2008. Disponível em: <https://www.rua.ufscar.br/matrix-x-dogma-95-dois-cenarios-da-imagem-contemporanea-na-midia/>. Acesso em: 7 nov. 2022.

RIAL, Carmen. Ainda um “Ponga un exótico” ou uma mudança efetiva? A participação Le Football et la rhétorique des médias sportif télévisuels. *Vibrant*, Florianópolis: v. 6, p. 186-201, 2010.

RIAL, Carmen. Ainda um “Ponga un exótico” ou uma mudança efetiva? A participação das mulheres na mídia Brasileira na Copa. *Observatório Social de América Latina*, v. 2, p. 2-4, 2014.

Rial, Carmen. Guerra de imagens, imagens da guerra. *Cadernos Pagu*, Campinas, v. 47, p. 1-1, 2016.

RIAL, Carmen. Mortes belas, mortes boas, mortes malignas e a Covid-19. In: GROSSI, Miriam e TONIOL, Rodrigo (organizadores). *Cientistas sociais e o Coronavírus* [recurso eletrônico] (/). - 1. ed. - São Paulo: ANPOCS; Florianópolis: Tribo da Ilha, 2020: p. 523-527. Acessível em file:///Users/carmen/Desktop/Cientistas_Sociais_e_o_Coronavirus_ebook.pdf. Acesso em: outubro de 2023.

RIAL, Carmen. “I can’t return to the village without my baby”, ‘evil deaths’ and the difficulty of mourning in Brazil in the time of covid-19. *Human Remains and Violence An Interdisciplinary Journal*, v. 8, p. 23-46, 2022.

RIAL, Carmen; GROSSI, Miriam. Tribunal do Povo: Áudio-Leitura de Um Programa de Radio Em Sc. *INTERCOM – Revista Brasileira de Comunicação*. São Paulo: v. 61, p. 89-99, 1989.

RIBEIRO, Marcelo Rodrigues Souza. *F(r)icções do nome de África nas narrativas de Tarzan: análise intertextual de uma figuração imaginária de contato*. 2008. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social) – Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis: 2008.

SALDANHA, Rafael Araújo. “*Você só precisa clicar*”: sexo virtual e masculinidades refletidas pelas webcams. 2017. Tese (Doutorado em Doutorado Interdisciplinar de Ciências Humanas) – Programa de Pós-Graduação Interdisciplinar de Ciências Humanas, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis: 2017.

SANTOS, Marinês Ribeiro dos. *O Brasil colorido nos anos de chumbo: os aspectos simbólicos do design por brasileiros no contexto da ditadura militar*. 2010. Tese (Doutorado Interdisciplinar em Ciências Humanas) – Programa de Pós-Graduação Interdisciplinar em Ciências Humanas, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis: 2010.

SILVA, Ricardo Lanzarini Gomes. *Jorge: empresário de fora, casado e versátil: homoerotismo no anonimato das viagens*. 2013. Tese (Doutorado Interdisciplinar em Ciências Humanas) – Programa de Pós-Graduação Interdisciplinar em Ciências Humanas, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis: 2013.

TAKAZAKI, Silmara Simone. *Lesbianidade, Representatividade e Estereótipos: Filmes de Animação como Tecnologia de Gênero*. 2021. Tese (Doutorado Interdisciplinar em Ciências Humanas) – Programa de Pós-Graduação Interdisciplinar em Ciências Humanas, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis: 2011.

TORRES, Natalia Pérez Torres. *Olhando o conflito na Colômbia: graffiti, imagem e cidade na construção da “paz possível”*. 2022. Tese (Doutorado Interdisciplinar em Ciências Humanas) – Programa de Pós-Graduação Interdisciplinar em Ciências Humanas, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis: 2022.